



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

[Público-alvo] Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Essa sequência didática pode ser adaptada para o Ensino Médio.

[Duração] 13 aulas

[Alinhamento à BNCC]

5 Competências

9 Habilidades

Objetivos gerais

1. Mobilizar conhecimentos prévios dos(as) estudantes sobre o conceito de participação política.
2. Ampliar o repertório cultural dos(as) estudantes a partir do estudo e da análise de diferentes formas de participação política das juventudes ao longo da história recente.
3. Discutir como a participação política das juventudes é influenciada por fenômenos como as *fake news*, a desinformação e a ameaça à liberdade de expressão.
4. Revisar função social e estrutura composicional do gênero artigo de opinião.
5. Mobilizar as discussões sobre o tema participação política das juventudes no planejamento e na escrita de artigos de opinião.
6. Revisar e editar os artigos de opinião escritos em aula.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

BNCC

Competências Específicas de Língua Portuguesa:

Competência específica nº 2

Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

Competência específica nº 3

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

Competência específica nº 5

Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

Competência específica nº 6

Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

Competência específica nº 7

Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Práticas de linguagem / Objetos do conhecimento:

- **Leitura**

Objetos de conhecimento:

1. Apreciação e réplica;
2. Contexto de produção, circulação e recepção de textos e práticas relacionadas à defesa de direitos e à participação social.

Habilidades:

(EF69LP21) Posicionar-se em relação a conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e práticas próprias das culturas juvenis que pretendam denunciar, expor uma problemática ou “convocar” para uma reflexão/ação, relacionando esse texto/produção com seu contexto de produção e relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos.

(EF89LP18) Explorar e analisar instâncias e canais de participação disponíveis na escola (conselho de escola, outros colegiados, grêmios livres), na comunidade (associações, coletivos, movimentos, etc.), no município ou no país, incluindo formas de participação digital, como canais e plataformas de participação (como portal e-cidadania), serviços, portais e ferramentas de acompanhamentos do trabalho de políticos e de tramitação de leis, canais de educação política, bem como de propostas e proposições que circulam nesses canais, de forma a participar do debate de ideias e propostas na esfera social e a engajar-se com a busca de soluções para problemas ou questões que envolvam a vida da escola e da comunidade.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

- **Produção de textos**

Objetos de conhecimento:

1. Relação do texto com o contexto de produção e experimentação de papéis sociais;
2. Textualização;
3. Revisão/edição de texto informativo e opinativo.

Habilidades:

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, *podcasts* noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs* e *podcasts* culturais, *gameplay*, *detonado* etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, *spots*, *jingles* de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de *booktuber*, de *vlogger* (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da *Web 2.0*, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

- **Oralidade**

Objetos de conhecimento:

1. Produção de textos jornalísticos orais;
2. Discussão oral;
3. Escuta;
4. Apreciação e réplica;
5. Produção/Proposta.

Habilidades:

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

(EF89LP22) Compreender e comparar as diferentes posições e interesses em jogo em uma discussão ou apresentação de propostas, avaliando a validade e força dos argumentos e as consequências do que está sendo proposto e, quando for o caso, formular e negociar propostas de diferentes naturezas relativas a interesses coletivos envolvendo a escola ou comunidade escolar.

- **Análise linguística/semiótica**

Objetos de conhecimento:

1. Movimentos argumentativos e força dos argumentos.

Habilidades:

(EF89LP23) Analisar, em textos argumentativos, reivindicatórios e propositivos, os movimentos argumentativos utilizados (sustentação, refutação e negociação), avaliando a força dos argumentos utilizados.

Recursos materiais necessários

- Cópias dos textos, projetor com áudio, folhas de papel e envelope.

Roteiro de atividades

1ª Etapa: O que é participação política? (2 aulas)

Objetivos:

- Mobilizar conhecimentos prévios sobre participação política.
- Ler e interpretar exemplares de variados gêneros do discurso a fim de sensibilizar os(as) estudantes para o tema.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

- Construir coletivamente os significados de participação e de política com base nos conhecimentos prévios e nas leituras de ampliação do repertório.

Atividades:

1. Comece a aula entregando dois pedaços de papel pequenos a cada estudante. Peça que em um papel eles(as) escrevam o significado da palavra **participação** e, no outro, o significado da palavra **política**. Explique que esta é uma sensibilização para o tema desta e das próximas aulas, em que trataremos da participação política da juventude. Nesta etapa, eles(as) não devem usar o celular ou qualquer outro meio de consulta para escrever as definições.
2. Em seguida, peça que, com o auxílio de fita adesiva, coloquem as definições de participação e de política em um local visível para todos(as), pode ser no mural ou em uma parede da classe.
3. Os(As) estudantes devem, então, ler todas as definições que foram escritas e elencar aquelas que foram mais frequentes ou mais chamaram a atenção. No quadro, faça uma síntese das ideias que resultaram da leitura do grupo e questione como a turma se sentiu no momento de escrita das definições: O que foi mais fácil de definir, política ou participação? Por que, com frequência, repetimos algumas definições? Será que, no processo de pensar o significado das palavras, deixamos algumas ideias de fora?
4. Depois da mobilização de conhecimentos prévios, entregue cópias dos textos apresentados a seguir e peça que os(as) estudantes se revezem na leitura em voz alta dos trechos. A cada leitura, peça que indiquem as principais ideias do excerto e anote no quadro. As anotações serão retomadas adiante. Consulte a coletânea de textos abaixo.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Coletânea de textos

I.

Eu sonho mais alto que drones

Combustível do meu tipo? A fome

Pra arregaçar como um ciclone

Pra que amanhã não seja só um ontem

Com um novo nome

AmarElo, do rapper, cantor e compositor Emicida. Música do disco homônimo, lançado em 2019.

II.

Na filosofia aristotélica, a Política é a ciência que tem por objetivo a felicidade humana e divide-se em ética (que se preocupa com a felicidade individual do homem na pólis) e na política propriamente dita (que se preocupa com a felicidade coletiva da pólis). O objetivo de Aristóteles com sua Política é justamente investigar as formas de governo e as instituições capazes de assegurar uma vida feliz ao cidadão. Por isso mesmo, a política situa-se no âmbito das ciências práticas, ou seja, as ciências que buscam o conhecimento como meio para ação.

Verbete Política (Aristóteles) - Disponível em: [Política \(Aristóteles\) – Wikipédia, a enciclopédia livre](#)¹.

¹ Disponível no link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica_\(Arist%C3%B3teles\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica_(Arist%C3%B3teles)).



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

III.

Apesar da multiplicidade de facetas que se aplica à palavra política, uma delas goza de indispensável unanimidade: a referência ao poder político, à esfera da política institucional. Um deputado ou um órgão de administração pública são políticos para a totalidade das pessoas. Todas as atividades associadas de algum modo à esfera institucional política, e o espaço onde se realizam, também são políticas. Um comício é uma reunião política e um partido é uma associação política (...); as ações do governo, o discurso de um vereador, o voto de um eleitor são políticos.

Wolfgang Leo Maar, professor da Universidade Federal de São Carlos, em trecho do livro *O que é política?*, parte da Coleção Primeiros Passos, publicada pela Editora Brasiliense a partir da década de 1970.

IV.

Ser enganador, mentir

Enrolar, ser trambiqueiro

Gostar de fazer promessa

Não pagar, ser trapaceiro

Eis os requisitos básicos

Do político brasileiro.

Fazer tudo por dinheiro

Detestar pessoa séria

Não importar se o povo

Tá morrendo na miséria



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Quando escutar falar dela

Achar que isso é pilhéria.

Se a fome deletéria

Castiga um desempregado

Ao saber dessa notícia

Fingir-se penalizado

Porém, quando for comer

Não lembrar do esfomeado.

Cordel de Varneci Nascimento, historiador baiano nascido em Banzaê, Bahia. Tem mais de 300 obras publicadas.

V.



Tira de Alexandre Beck, o criador do personagem Armandinho.

VI.

Somos filhos da época



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas

diurnas e noturnas,

são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,

teus genes têm um passado político,

tua pele, um matiz político,

teus olhos, um aspecto político.

Wisława Szymborska, poeta polonesa que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1996.

VII.

(...) a expressão Participação política é geralmente usada para designar uma variada série de atividades: o ato do voto, a militância num partido político, a participação em manifestações, a contribuição para uma certa agremiação política, a discussão de acontecimentos políticos, a participação num comício ou numa reunião de seção, o apoio a um determinado candidato no decorrer da campanha eleitoral, a pressão exercida sobre um dirigente político, a difusão de informações políticas e por aí além.

Trecho do verbete Participação política, presente no *Dicionário de política*, livro organizado pelo filósofo e historiador Norberto Bobbio e publicado pela Editora UnB.

VIII.

Nosso movimento de mulheres é um movimento de mulheres no sentido de que é conduzido e dirigido por mulheres pelo bem de mulheres e homens, pelo benefício de



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

toda a humanidade, que é maior do que qualquer uma de suas ramificações ou divisões. Nós queremos, nós pedimos o interesse ativo de nossos companheiros e, além disso, não estabelecemos limites de cor; nós somos mulheres, mulheres estadunidenses, tão intensamente atraídas por tudo o que nos diz respeito quanto todas as outras mulheres estadunidenses; não queremos alienar nem afastar, estamos apenas assumindo a linha de frente, dispostas a nos unir a quaisquer outras pessoas no mesmo trabalho e cordialmente convidando e dando as boas-vindas a todas que se unirem a nós.

Discurso de Angela Davis, professora e filósofa nascida nos Estados Unidos, publicado no livro Mulheres, cultura e política, lançado pela Boitempo Editorial em 2017.

5. Após a leitura, incentive a turma a comparar as definições previamente apresentadas com as inferências que resultaram da leitura dos textos. O que é semelhante às definições iniciais? O que poderia ser acrescentado a elas?
6. Ressalte que o mais frequente, para a maioria das pessoas, é pensar em política como o exercício da política tradicional – como aparece no **texto III** –, feito por deputados, vereadores e outros políticos “profissionais”. No Brasil, é de senso comum associar esse exercício à corrupção, como o **texto IV** explicita.
7. Convide os(as) estudantes a refletir que a definição de política, entretanto, pode ir além do senso comum, já que o exercício do poder em nome da construção do bem coletivo (**texto II**) está em toda a parte (**texto VI**), de modo que todas as nossas ações têm caráter político. Ainda, acrescente que a política está atrelada à transformação social (**texto VIII**) e ao questionamento do *status quo* (**texto I**).
8. Ressalte também que é possível ampliar a noção de participação política. Esta não se restringe ao voto ou à candidatura a um cargo público. A associação a organizações de bairro ou ao grêmio da escola além da disseminação de informações políticas, por exemplo, por meio das redes sociais, são também formas de atuação na vida pública.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

9. Por fim, distribua um pedaço de papel a cada estudante e solicite que, considerando as conversas que tiveram e as leituras da aula, escrevam uma definição para participação política e a coloquem em local visível, como o mural ou uma das paredes da sala.

2ª Etapa: Os(As) jovens e a política: Um diálogo entre passado e presente (3 aulas)

Objetivos:

- Ampliar o repertório dos(as) estudantes sobre a participação política da juventude.
- Fomentar habilidades ligadas à oralidade e ao campo do estudo e da pesquisa.
- Discutir o papel da juventude na política a partir de uma comparação entre passado e presente.

Atividades:

1. Comece a aula recuperando as definições que foram construídas no encontro anterior por meio da leitura de algumas das definições de participação política. Explique que, nesta etapa, discutiremos com mais aprofundamento a participação política da juventude na atualidade. Para alcançar esse objetivo, faremos uma viagem por marcos da história recente do Brasil.
2. Projete algumas imagens, dos séculos XX e XXI, em que jovens aparecem como protagonistas de manifestações políticas. A seguir, fazemos algumas sugestões para a seleção das imagens, mas sinta-se à vontade para incluir outras fotografias que sejam relevantes para a discussão:
 - [Passeata dos 100 mil contra a ditadura militar \(1968\)](#)²;
 - [Campanha pelas Diretas Já \(1984\)](#)³;
 - [Movimento dos caras pintadas \(1992\)](#)⁴;
 - [Manifestações contra o aumento das passagens do transporte público \(2013\)](#)⁵;

² Disponível no link: <http://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos-cem-mil-afronta-a-ditadura>.

³ Disponível no link: <https://www12.senado.leg.br/noticias/galerias/diretas-ja>

⁴ Disponível no link: <http://memoria.oglobo.globo.com/fotos/caras-pintadas-contr collar-9430223>

⁵ Disponível no link:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornadas_de_Junho#/media/Ficheiro:Jornadas_de_Junho_\(collage\).png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornadas_de_Junho#/media/Ficheiro:Jornadas_de_Junho_(collage).png)



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

- [Ocupação de escolas secundaristas em São Paulo \(2015\)](#)⁶;
 - [Atos contra a violência policial e o genocídio negro em 13 de maio, após uma invasão na favela do Jacarezinho \(2021\)](#)⁷.
3. Pergunte à turma se reconhecem alguns dos eventos que aparecem na imagem e pergunte o que as fotografias têm em comum. Evidencie que se trata de grandes manifestações públicas em que os(as) jovens são os(as) protagonistas, embora haja a participação de todas as faixas etárias, conforme mostram as imagens.
 4. Se for possível, você pode convidar docentes de Ciências Humanas para contextualizar brevemente cada foto.
 5. Na sequência, divida a sala em seis grupos. Sorteie um tema para cada grupo (1. Passeata dos 100 mil; 2. Diretas Já; 3. Caras pintadas; 4. Movimento contra o aumento da passagem ou Jornadas de junho; 5. Ocupação de escolas secundaristas; 6. Atos contra violência policial e genocídio negro).
 6. Explique que cada grupo deve elaborar uma apresentação curta – algo entre 7 e 10 minutos – sobre o evento sorteado. Na apresentação, cada grupo deve contemplar o que motivou os(as) jovens a saírem às ruas naquele contexto e quais os resultados do ato. Para isso, podem usar recursos audiovisuais, como vídeos, músicas e imagens da época.
 7. Organize a sequência das apresentações (das mais atuais para as mais antigas ou o contrário) e peça que a turma tome nota das informações mais relevantes.
 8. Quando todos os grupos se apresentarem, abra um círculo na sala a fim de promover um debate sobre a participação política da juventude. Sugerimos algumas questões para motivar a conversa:

⁶ Disponível no link: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/03/politica/1449172759_306162.html

⁷ Disponível no link:

<https://ponte.org/nem-bala-nem-fome-e-nem-covid-movimentos-protestam-contragenocidio-negro/>



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

- *Ao longo das últimas décadas, os(as) jovens parecem buscar o protagonismo das manifestações políticas. Vocês concordam com essa afirmação? Todos os jovens estavam nas ruas participando dos atos que foram apresentados durante a aula?*
 - *Se a resposta for sim, o que leva os(as) jovens a buscar essa posição de destaque? O que os seis atos têm em comum, além do protagonismo juvenil? O que esses(as) jovens buscavam?*
 - *Vocês consideram que hoje os(as) jovens têm protagonismo na liderança de atos políticos?*
 - *E mais: na atualidade, a maioria dos(as) jovens tem interesse pela política? As formas de participação na vida pública são iguais às que vimos nas imagens, especialmente, as mais antigas? Se não, o que mudou?*
9. Termine esta etapa fazendo uma síntese das reflexões que resultaram da roda de conversa e indique que no próximo encontro trataremos das formas emergentes de participação política da juventude.

É proibido proibir

Se considerar pertinente, escute com a turma o áudio da performance de Caetano Veloso com Os Mutantes durante o Festival da Canção de 1968. Caetano foi vaiado pelo público e fez um discurso contundente, no qual critica a juventude e mostra que, à época da ditadura militar, não havia consenso entre os(as) jovens nem no que se referia ao gosto musical. O compositor e intérprete afirma: *“Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês têm coragem de aplaudir, este ano, uma música, um tipo de música que vocês não teriam coragem de aplaudir no ano passado! São a mesma juventude que vão sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem!”*

Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=afwWdtU10kY>



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

3ª Etapa: As vozes das juventudes (2 aulas)

Objetivos:

- Ler e interpretar textos informativos e opinativos sobre questões de interesse na atualidade.
- Reconhecer, nomear e problematizar diferentes formas de participação política das juventudes na atualidade.
- Desenvolver habilidades de argumentação oral por meio da participação em debate mediado.

Atividades:

1. Retome as discussões do encontro anterior e pergunte se, na turma, há jovens que já tiraram o título de eleitor ou se conhecem amigos mais velhos que irão participar das eleições de 2022, que elegerão o(a) presidente(a) da república, governadores(as), senadores(as), deputados(as) federais e estaduais. Se a resposta for positiva, pergunte por qual razão eles(as) ou os amigos(as) decidiram tirar o título este ano.
2. Na sequência, assista com a turma a reportagem [“Número de jovens entre 16 e 17 anos com título de eleitor caiu nos últimos anos”](#)⁸, que trata da baixa adesão dos(as) jovens entre 15 e 17 anos às eleições, já que, no início do ano, parcela significativa deste grupo ainda não havia solicitado o título de eleitor.
3. Depois de ver a reportagem, liste com a turma os motivos que podem levar a faixa etária dos mais jovens a uma baixa adesão às eleições. São muitas as possibilidades, mas dê destaque (caso não apareça na fala do grupo):
 - À falta de informação.
 - Ao descrédito na política institucional e nos políticos, em razão dos escândalos de corrupção e da situação econômica e social do país.

⁸ Disponível no link:

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/26/numero-de-jovens-entre-16-e-17-anos-com-titulo-de-eleitor-caiu-nos-ultimos-anos.ghtml>



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

- À falta de formação – na escola e fora dela, muitas vezes – para a participação política.
 - Às outras formas de participação da juventude na política que vão além do voto.
4. Então, leia um texto publicado no site do Tribunal Superior Eleitoral sobre os resultados de uma campanha nacional que mobilizou os(as) jovens a tirarem o título de eleitor: [“TSE comemora marca histórica de jovens eleitores nas Eleições 2022”](#)⁹.
 5. A partir dos dois textos jornalísticos estudados, provoque a turma a levantar/trazer/traçar hipóteses: O que explica o aumento tão expressivo, em um período tão curto de tempo, da adesão dos(as) jovens às eleições? Anote as hipóteses no quadro antes de iniciar a leitura da próxima referência.
 6. Peça que os(as) estudantes formem duplas e entregue a cada uma delas dois textos:
 - [O interesse dos\(as\) jovens pela política e a importância das “lideranças de opinião” nas redes](#)¹⁰;
 - [Estudantes criam movimento para espalhar educação política pelo país](#)¹¹.
 7. As duplas devem ler os textos, grifar as informações mais importantes e anotar, na própria folha em que eles foram impressos, as palavras-chave. Se houver infraestrutura na sua escola, as duplas também podem montar, em aplicativos como o [Jamboard](#)¹², um painel com as sínteses e inferências das leituras.

⁹ Disponível no link:

<https://www.tse.ius.br/comunicacao/noticias/2022/Maio/tse-comemora-marca-historica-de-jovens-eleitores-nas-eleicoes-2022>

¹⁰ Disponível no link:

<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/o-interesse-dos-jovens-pela-politica-e-a-importancia-das-liderancas-de-opiniao-nas-redes/>

¹¹ Disponível no link:

<https://criativosdaescola.com.br/historia/estudantes-criam-movimento-para-espalhar-educacao-politica-pelo-pais/>

¹² Disponível no link: <https://jamboard.google.com/>



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

8. Abra um círculo, projete novamente algumas das imagens exibidas na etapa 2 e discuta com a turma:
 - *O que mudou nas formas de participação das juventudes nos dias atuais?*
 - *O fato de que os(as) jovens parecem tomar menos as ruas, sobretudo, no contexto pós-pandemia, significa que não estão interessados em política?*
 - *Além das formas mencionadas nos textos, o grupo consegue mencionar outras formas de participação política que não se restringem à participação nas eleições e aos grandes atos nas ruas?*
 - *É possível dizer que uma forma de participação política é mais efetiva que outra? Ou ainda, a participação política nas redes sociais permite a transformação social? Conseguimos dar exemplos conhecidos que comprovem nosso ponto de vista?*
9. Ao longo de todos os debates propostos nesta sequência didática, é possível que aconteçam divergências entre os(as) estudantes. Fomente a expressão dos diferentes pontos de vista assim como a comunicação não violenta e o respeito aos turnos de fala.
10. Retome os principais exemplos e argumentos que apareceram no debate e incentive a turma a pensar, para a próxima aula, na seguinte questão: O que pode influenciar, direta e indiretamente, o pensamento político da juventude na era das redes sociais?

4ª Etapa: A política e os riscos da desinformação (1 aula)

Objetivos:

- Recuperar os conceitos de desinformação e de *fake news*.
- Discutir a influência da desinformação e das *fake news* sobre a participação política das juventudes.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Atividades:

1. Escolha uma notícia curta qualquer, imprima e coloque dentro de um envelope. Organize a sala em um círculo. Entregue o envelope a um(a) estudante, oriente-o(a) a ler a notícia e a contá-la, em voz baixa, para o(a) colega ao lado. Peça que este(a) conte para a pessoa seguinte e assim sucessivamente, como na brincadeira de telefone sem fio. Quando a notícia chegar ao(á) último(a) componente da roda, peça que conte, em voz alta, a informação que chegou até ele(a). Oriente, então, o portador(a) do envelope a ler a notícia original.
2. É possível que a informação dita em voz alta seja um pouco ou muito diferente da original. Por que isso aconteceu? Algum(a) estudante, durante a transmissão da informação, teria intencionalmente modificado os fatos? Ou alguém não entendeu direito o que ouviu e por isso transmitiu dados diferentes daqueles que estavam na fonte?
3. Projete o trecho de um texto sobre desinformação e *fake news*, extraída do [Guia da Educação Midiática](#)¹³, (p. 47), produzido pela organização Educamídia:

Desinformação é o termo mais amplo para nos referirmos a qualquer tipo de conteúdo falso, impreciso, tendencioso, distorcido ou fora de contexto, criado de forma intencional ou não.

Já as fake news são um tipo bem específico de desinformação. O termo diz respeito a conteúdos propositalmente falsos, ou seja, que foram criados com intenção de enganar. Além disso, muitas vezes imitam o visual e o estilo de veículos de comunicação sérios, tentando pegar carona na credibilidade.

As motivações para criar e disseminar fake news vão desde ganhar dinheiro até conquistar apoio para determinada causa ou ideia.

O termo desinformação contempla um conjunto maior de conteúdos. Pode, por exemplo, ser resultado de um erro não intencional cometido por um jornalista,

¹³ Disponível no link:

<https://educamidia.org.br/api/wp-content/uploads/2021/03/Guia-da-Educac%CC%A7a%CC%83o-Midia%CC%81tica-Single.pdf>



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

de um dado divulgado de forma incompleta ou mesmo de um título mal escrito. A desinformação também pode ter origem no baixo letramento informacional do público. É o que acontece, por exemplo, quando uma sátira é confundida com informação real, ou quando um leitor vê apenas a manchete (título) de uma reportagem, sem olhar o restante da notícia com um retrato mais completo do assunto.

É importante reconhecer os vários tipos de desinformação e não classificar tudo simplesmente como *fake news*. Um dos problemas com o termo é que ele se popularizou a ponto de ser usado sem muito critério, até mesmo como sinônimo de “toda informação que me desagrade ou contraria”.

4. Pergunte à turma: A partir do texto, qual é a diferença entre desinformação e *fake news*? Que exemplos recentes temos de desinformação e de *fake news* em nossa realidade?
5. Exiba o vídeo do professor de redação e filosofia Felipe Leal, sobre a regulamentação da mídia e o combate às *fake news*: [Artigo de Opinião – Regulamentação de fake news: censura ou civilidade?](#)¹⁴ Ressalte as passagens em que ele aborda os riscos políticos da disseminação das *fake news*.
6. Retome, do encontro anterior, o debate a respeito do impacto dos *influencers* e do conteúdo que circula na internet sobre a participação política dos jovens.
7. No mesmo sentido, discuta com a turma: Que riscos a desinformação e as *fake news* oferecem às novas formas de participação política das juventudes?
8. Ressalte, na conversa, que a desinformação não se trata de um fenômeno isolado e o controle dos algoritmos por empresas especializadas foi determinante em pleitos como o dos Estados Unidos, em 2018. Na ocasião, o empresário Donald

¹⁴ Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=QYiXcTQLCmc&>



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Trump, do Partido Republicano, venceu a eleição que disputava com a ex-senadora do Partido Democrata Hillary Clinton. Mais tarde, descobriu-se um escândalo de venda de dados pessoais envolvendo o Facebook e uma empresa que prestou consultoria para a campanha de Trump, a Cambridge Analytica. De posse dos dados das pessoas, foi mais fácil identificar aquelas que eram mais propensas a divulgar informações falsas e enviar, especificamente a elas, conteúdo mentiroso sobre Hillary, o qual viralizava mais rapidamente.

9. Vale apresentar também dados que resultaram da pesquisa do Datafolha [Para 60% das pessoas, notícias falsas podem influenciar muito a votação deste ano, de acordo com o Datafolha | Pesquisa Eleitoral | G1](#)¹⁵, divulgada em março de 2022. Segundo a pesquisa, 60% dos brasileiros acreditam que as *fake news* podem ter alguma influência sobre as eleições. Entre os jovens de 16 a 24 anos, a taxa cresce para 88%, mostrando o quanto a faixa etária tem clareza dos efeitos da desinformação.
10. Retome os pontos principais da aula e avise a turma que nos próximos encontros eles(as) farão um artigo de opinião sobre participação política das juventudes.

5ª Etapa: Planejamento e produção de artigo de opinião (3 aulas)

Objetivos:

- Apresentar situação de produção de artigo de opinião articulada ao tema discutido nas aulas anteriores.
- Acompanhar e auxiliar o planejamento e a produção textual durante as aulas de língua portuguesa.

Atividades:

1. Entregue uma folha ou projete para a turma a seguinte situação de produção textual:

¹⁵ Disponível no link:

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/03/26/para-60percent-noticias-falsas-podem-influenciar-muito-a-votacao-deste-ano-de-acordo-com-o-datafolha.ghtml>



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Considere que você é um(a) estudante dos anos finais do Ensino Fundamental e é um dos membros da chapa que está disputando as eleições para o grêmio de sua escola. Como parte da campanha, você e seus colegas decidiram divulgar, em uma rede social, textos que expressem as opiniões da chapa sobre temas da atualidade. Ficou sob sua responsabilidade a escrita de um artigo de opinião sobre o tema:

Engajamento político das juventudes: prática ultrapassada ou surgimento de novas formas de participação?

2. Primeiro, discuta com a turma quem são os(as) interlocutores(as) do artigo de opinião, uma vez que são candidatos(as) ao grêmio escolar e que o texto será publicado em uma rede social.
3. Como se trata de um suporte diferente de um jornal ou blog, estabeleça parâmetros para o texto. Oriente-os(as) a escrever cerca entre 1,5 e 2 mil caracteres e a pesquisar ou produzir uma imagem que possa ilustrar o texto.
4. Depois, coletivamente, elenque argumentos para defender que os(as) jovens não se engajam na política (ou seja, a política é uma prática ultrapassada) e para defender que os(as) jovens, na verdade, têm se engajado em novas formas de participação.
5. Revise a estrutura e as características do artigo de opinião ([consulte o Caderno Pontos de vista](#)¹⁶), elaborado pelo Programa Escrevendo o Futuro) brevemente.
6. Incentive que os(as) estudante(s) façam o planejamento do texto e o rascunho antes de começar a escrita. Para isso, você pode distribuir conjuntos com pequenos pedaços de papel. Em cada papel, escreva elementos importantes da

¹⁶ Disponível no link: https://escrevendoofuturo.org.br/caderno_docente/opiniao/sumario/
Programa Escrevendo o Futuro - www.escrevendoofuturo.org.br
Cenpec - www.cenpec.org.br



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

estrutura composicional do artigo de opinião – contexto, polêmica, tese, argumentos, conclusão. Peça que anotem nos papéis, em poucas palavras, o que pretendem desenvolver em cada uma das “peças” que compõem o artigo de opinião.

7. Se a escola tiver equipamentos disponíveis, o mesmo exercício pode ser feito no computador e em programas de edição de texto *on-line*, como é o caso dos Documentos Google.
8. Reserve tempo para que eles(as) possam escrever em classe enquanto você os(as) auxilia individualmente e, ao mesmo tempo, esclarece para o coletivo dúvidas que surgirem de forma recorrente durante o desenvolvimento da produção.
9. Finalize a etapa dizendo que, no próximo encontro, eles(as) farão a edição e a revisão do texto. Caso não seja possível fazer a análise individual dos textos, garanta tempo para que haja uma avaliação entre pares a partir de uma matriz elaborada por você. Os(As) jovens podem usar cores diferentes para indicar, nos artigos, questões relativas à estrutura, convenções da escrita, uso do repertório, argumentação e assim por diante.

6ª Etapa: Edição, revisão e compartilhamento do texto (2 aulas)

Objetivos:

- Propiciar tempo e estratégias para edição e revisão dos artigos de opinião.
- Socializar os artigos de opinião como resultado do percurso pedagógico proposto nas etapas anteriores.

Atividades:

1. Caso você tenha recolhido as produções e comentado, devolva-as aos(às) estudantes. Leia o texto *"As opiniões sobre o artigo de opinião – Como é a*



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

avaliação desse gênero?", de Luiz Percival Leme Britto, publicado na revista Na Ponta do Lápis nº 24, para auxiliá-lo(a) a selecionar e organizar o quê e como comentar nas produções da turma. O artigo está disponível como **Anexo I** ao final deste material.

2. Confira também o artigo "*Conversa vai, escrita vem*", de Luciene Juliano Simões e Bruna Sommer Farias, publicado na revista Na Ponta do Lápis nº 21, sobre a escrita de bilhetes orientadores para auxiliar estudantes no processo de reescrita de textos. O artigo está disponível como **Anexo II** ao final deste material.
3. Prepare uma apresentação ou um quadro para indicar tanto os acertos quanto os aspectos a serem melhorados nos textos devolvidos.
4. Oriente os(as) jovens a fazerem a leitura cuidadosa dos comentários e a reelaboração do texto, preocupando-se não apenas com as convenções da escrita, mas também com aspectos como a adequação ao gênero, a seleção e o desenvolvimento dos argumentos, a escolha lexical e as marcas de autoria.
5. Quando terminarem a reelaboração, peça que façam uma revisão entre pares, pedindo que um(a) colega leia o artigo produzido e indique sugestões de alteração.
6. Uma vez revisados os artigos, você pode propor que a turma de fato os publique em uma rede social. É possível reuni-las em um mural do [Padlet](https://pt-br.padlet.com/)¹⁷ ou divulgar pequenos trechos em sequência nos stories do Instagram, por exemplo.

¹⁷ Disponível no link: <https://pt-br.padlet.com/>



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Sobre a autora:

Ana Paula Severiano é professora de redação no Ensino Médio, autora e editora de materiais didáticos e consultora em Educação. Foi colaboradora e formadora nas duas últimas edições da Olimpíada de Língua Portuguesa.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

ANEXOS

Aqui você encontra dois textos indicados na *6ª Etapa: Edição, revisão e compartilhamento do texto* da sequência didática **Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião**.

Anexo I

As opiniões sobre o artigo de opinião – Como é a avaliação desse gênero?

Luiz Percival Leme Britto

■ Que é isso de avaliar textos?

Textos não são feitos para serem analisados, avaliados, corrigidos. Textos são feitos para serem lidos. Quem os escreve, escreve pensando em alguém, querendo lhe dizer alguma coisa. Certo?

Certo e errado.

Certo porque é isso mesmo: a gente escreve para fazer valer uma ideia, contar uma história, sugerir um comportamento, registrar um fato... Aí está a razão, a finalidade do escrever. E faz isso sempre pensando em quem e como é o leitor, e daí escolhendo estilo e argumentos, pensando no ritmo adequado da leitura, no lugar onde o texto aparecerá.

Na vida prática, a gente não escreve pensando em um gabarito de correção e pontuação, na nota que o texto poderá alcançar, em quem será o examinador. Escreve é para si, para o outro que imagina leitor do seu texto, para o mundo e para a vida.

Mas também é certo dizer que os textos que a gente escreve são sempre, de algum modo, analisados e avaliados. Se for um texto de circulação restrita e de cunho pessoal, a avaliação terá critérios subjetivos e relativos à relação entre autor e leitor; se for um texto de circulação ampla, será submetido a critérios de análise mais convencionados e mediados por instâncias de produção e publicação (editor e revisor são as figuras mais atuantes desse processo), podendo ser modificado ou, até, não publicado. E o próprio



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

leitor – agora uma figura anônima – lança mão de critérios relativamente convencionais em seu julgamento.

Admitamos que se trate de um artigo de opinião escrito para aparecer em uma publicação de ampla circulação.

Logo de imediato vem a primeira indagação: o texto está redigido conforme as convenções do gênero e os padrões de escrita correntes? Cabem revisão, cortes, ajustes?

E outra pergunta surge de imediato: o texto tem tutano? Isto é: o tema é interessante, importante? A forma como o autor se aproxima do problema instiga? Gera polêmica? Produz convencimentos? Mostra personalidade?

Isso tudo não é fácil de avaliar nem tem um metro preciso, até porque quem avalia projeta seu modo de ser e de ver na avaliação. Mas é parte constitutiva da interlocução e do processo social de produção de valor e de verdade. E quem escreve sabe disso e cuida de escrever com base na ideia que tem de como editores e leitores vão reagir ao seu texto.

Vamos destrinchar mais um pouco esse novelo, indagando o que se espera, no âmbito da Olimpíada, de um artigo de opinião (observe-se que aqui se supõe uma expectativa genérica, algo que se imagina como a base comum do debate social e que de diferentes formas se oferece como quase-modelo aos autores e leitores em suas ações concretas de escrever e de ler).

Em primeiro lugar, o texto deve ser reconhecido como próprio do gênero e tratar do tema comumente estabelecido. Tem de ser um artigo de opinião e dissertar sobre um assunto relativo ao lugar onde vive o autor.

Mas isso é muito amplo! Que lugar é esse, exatamente? E que aspecto o autor deve focar?

A resposta não é óbvia, pode ser muita coisa: o planeta, o mundo, o país, o Estado, a cidade, a localidade, a comunidade, a rua, o rio... Vivemos em todos estes lugares, participamos de diferentes formas de todos eles! Mas há referenciais importantes:

1. A ideia de pertencimento (eu pertencço a este lugar e ele me pertence) e de identidade (eu me identifico com os outros que, como eu, são deste lugar).
2. O fundamento do valor coletivo (o que escrevo é de interesse geral, importa aos outros, a sociedade, saber disso).
3. O princípio do inusitado (o que eu digo ainda não se disse do modo como eu digo).



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

No gabarito de correção, se indaga desde logo se “o texto se reporta de forma pertinente a alguma questão polêmica da realidade local?”.

Para além disso, escrever sobre “o lugar onde vivo” é focar, de forma particular, mas de interesse geral, um aspecto da vida desse lugar de um modo com que o autor está efetivamente comprometido. Pode ser algo bom ou ruim, denúncia ou anúncio, sugestão ou crítica. Importa que o texto promova reações verdadeiras e intensas no leitor, fazendo-o dizer coisas como *Que lindo!* ou *Não pode ser!* ou *De novo!* ou *Puxa, que bacana!* e diga isso porque foi tocado pelo texto e convencido pelo argumento e pelo estilo de que o que o escritor apresenta é valioso.

O sucesso dessa empreita se traduz na adequação ao gênero (do ponto de vista tanto da organização discursiva como da adequação linguística) e na manifestação da autoria.

O bom texto terá clara identificação do tema e seleção e apresentação de argumentos variados e suficientes, encadeados conforme o gênero e a estratégia argumentativa; o estilo pode variar desde o mais convencional e contido até o mais arrojado, mas sempre nos limites que a convenção do gênero sugere; o bom autor não é um pirotécnico linguístico ou um mágico de Oz das palavras, mas aquele que se torna senhor do que escreve – das ideias e das palavras – e demonstra isso para o leitor. E, como isso é o mais significativo do processo, é evidente que, se se quantificar a avaliação, são estes os quesitos que devem ter maior peso.

Finalmente, está o uso mesmo da modalidade escrita, quando se considera essencialmente o ajustamento do texto aos padrões da escrita convencional. E, ainda que para muitas pessoas esse elemento seja o mais evidente e o que mais preocupa (a ponto de um equívoco ser muitas vezes objeto de discussões acaloradas em que se desconsidera a origem do texto, seu tema e sua finalidade), ele se justifica na justa medida em que a convenção contribui para a adequada circulação social de ideias e valores.

■ Um exemplo

Tudo isso está muito bem, mas seria melhor se a coisa ficasse mostrada no branco e preto e no colorido.

Vamos, então, como exercício de avaliação, tomar um artigo de opinião apresentado em Olimpíada anterior e fazer uma análise. Para preservar a identidade do autor, seu nome



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

não se apresenta, assim como se excluem as referenciais que podem identificar o lugar de que fala.

Igualdade social

Aluna-autora: M. E. G.

Por quais razões a sociedade capitalista discrimina tanto nós trabalhadores rurais Sem-Terra? Com forte influência da mídia, passa-se uma visão para toda a população em que este povo são pessoas desordeiras, preguiçosas e que não respeitam os direitos alheios.

Segundo pesquisas recentes, talvez nem 1% de quase mil acampamentos no Brasil, apresentam problemas como esses de desordem e desrespeito com a propriedade alheia. Pois a única coisa por qual todos almejam é um lugar no campo onde possam, em tranquilidade morar, cultivar seus próprios alimentos e criar seus animais produtivos ou de estimação.

Desejam também ajudar na luta para que a sociedade e as autoridades reconheçam um dos primordiais direitos do ser humano, o direito a terra, que possam viver e trabalhar de maneira digna.

Outro fator muito importante do qual não se comenta, é da nossa luta, que passamos às vezes um, dois, três ou até mais anos à beira de uma rodovia, sofrendo privações, com as crianças e jovens sem estudar por não ter uma escola adequada e próxima aos acampamentos.

Também não se leva em consideração as humilhações constantes que sofremos, vivendo ao lado da incerteza e da desesperança; a espera de poder possuir uma legítima terra. Lutando para defender princípios em busca da igualdade e da mais completa justiça social.

Espera-se então que sejamos tratados com igualdade. Que o poder público nos veja sem discriminação, perceba a organização que temos e que pertencemos, e que o direito a terra seja por fim cumprido.

O tema destacado pelo autor é a forma como a sociedade vê os trabalhadores rurais sem-terra e se relaciona com eles. O lugar se manifesta quando o autor se apresenta como um trabalhador sem-terra e passa a falar do lugar em que está, das dificuldades e desafios que enfrenta, da vida que leva e do modo como a sociedade olha para ele(s).



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Sem dúvida, é um bom tema. Tem a ver com o autor e é de grande interesse social. E o enfoque escolhido é bem apropriado: como eu, que estou do lado de cá, reajo à forma como o outro (identificado primeiro como a sociedade capitalista, mas depois como a mídia, a visão geral, o poder público) me percebe? Fechando mais a questão, o texto focaliza uma ideia central: a de que os trabalhadores sem-terra são vistos como “pessoas desordeiras, preguiçosas e que não respeitam os direitos alheios”, percepção produzida, segundo o autor, pela mídia.

De forma a derrubar essa visão preconceituosa, o autor destaca que apenas 1% dos sem-terra seriam de desordeiros e que a maioria defende o direito à terra e deseja viver e trabalhar dignamente; em seguida, sempre escrevendo na primeira pessoa do plural, chama a atenção para as condições de vida precárias e as humilhações que os sem-terra sofrem. Termina o argumento reivindicando do poder público um tratamento justo e a garantia do direito à terra.

Não há dúvida de que está adequado à proposta da Olimpíada, com tema e autoria bem identificados, coesão e progressão textual suficientes e uso adequado das convenções da escrita (aqui e aí se identificam pequenos conflitos).

Contudo, não é um texto forte, com capacidade de impactar e convencer o leitor. Falta-lhe o tutano de que se falou acima.

Sua principal fragilidade está na densidade argumentativa. O debate em torno do direito à terra precisa ser mais bem localizado e discutido com mais fundamentos, assim como seria importante que as condições de vida dos sem-terra e o tipo de humilhação que sofrem fossem esmiuçados, apresentados com concretude. A simples afirmação do direito à terra não é argumento suficiente para convencer, assim como dizer que a maioria dos sem-terra são ordeiros não é suficiente para desfazer a imagem criada pela mídia (além de concordar com a mídia na caracterização de desordem em certas ações típicas do movimento dos sem-terra, como a ocupação de terras ociosas, o fechamento de estradas e as manifestações em prédios públicos são erradas).

É exatamente essa carência que permite dizer que o texto, não obstante escrito em primeira pessoa e o autor se pôr como um sem-terra, tem pouca autoria e pouca adequação discursiva.

O que se recomendaria neste caso é que o professor, como leitor coautor do texto, instigasse o aluno a pesquisar mais sobre o tema, a buscar argumentos e informações mais sólidos, a adensar a descrição das condições de vida dos sem-terra, bem como detalhar as humilhações que sofrem. Assim, o texto sai da generalidade, ganhando personalidade e autoria. E, claro, força de convencimento.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

E que fique o recado: só contribuiremos para a formação e o sucesso de nossos alunos se nos posicionarmos como leitores e parceiros deles.

Sobre o autor:

Luiz Percival Leme Britto é professor da Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente de referência da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro no Pará.

Fonte:

Artigo publicado originalmente na Revista Na Ponta do Lápis (ano X – número 24, maio de 2014) – Avaliar x Corrigir: Como perceber e levar em conta o "eu" que está no texto do seu aluno?. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/revista-digital/edicao/18/avaliar-x-corriger>



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Anexo II

Conversa vai, escrita vem

Luciene Juliano Simões e Bruna Sommer Farias

Muitos têm dito que se aprende a escrever escrevendo. Contudo, essa é uma verdade que pode esconder muito do que se desenrola neste “escrevendo”, tão processual. Escrever está muito distante de ser um ato linear. Uma das notáveis características da prática da escrita é que ela se dá num vaivém, e um dos personagens principais da história da produção de um texto de qualidade é, sem dúvida, a conversa do autor com o próprio texto. Dessa interação autor-texto vão surgindo os cortes, as reformulações, os acréscimos. Lá pelo final da costura são decididos os arremates: uma última revisão, ou um último dedo de prosa do autor com seu texto, proporciona aquele capricho que entrevemos em todo bom resultado... Mas será que podemos, desde sempre, interagir com o nosso texto sem um terceiro? Ter um leitor solidário, além dele mesmo, pode ser uma vantagem enorme para um autor. E quando, em lugar de falar na prática de escrever, falamos em aprender a escrever, parece que essa conversa entre texto, autor e o terceiro precisa ficar mais audível e mais concreta, não é mesmo?

Vamos então reformular: aprende-se a escrever escrevendo e interagindo em torno dos vários textos de que será feito o texto final. O professor que está de olho em sua prática sempre pergunta a si mesmo: “Como posso potencializar minhas interações com minha turma?”. Afinal, ele sabe que nisso está a chave. Conversa vai, conversa vem, e temos a beleza da docência: a construção conjunta do conhecimento que será de todos e de cada um. Escrever é um desses conhecimentos: não é um dom, é algo que se pode ensinar e aprender numa boa conversa, que precisa se tornar constante no processo de escrita e reescrita na sala de aula.

Surge aí um desafio que todos nós, professores, enfrentamos cotidianamente. Ao receber os textos de nossos estudantes em sua primeira versão, logo reconhecemos como cada um deles parece nos assaltar com demandas heterogêneas. Um não encontrou seu questionamento central e está disperso, longo, com saltos de tópico em tópico; outro parece não se dar conta de que terá um leitor distante e escreve como se ele estivesse dentro de sua mente – tudo muito breve e cheio de lacunas. Na tentativa de escrever um poema, um parece não escutar as palavras e está preso ao sentido, enquanto o outro cobre seu poema de rimas, mas não parece dar ao texto uma unidade que o reverta em sentido poético. Enfim, de texto em texto constrói-se o quebra-cabeça: como vou conversar com tantos de uma só vez, no espaço das poucas aulas que temos, e intervir de modo eficaz, ajudando os estudantes a aprimorar sua escrita? Nosso convite



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

a vocês, então, é o seguinte: “Que tal mandar bilhetes, um para cada aluno, cochichando ao pé do ouvido sobre o futuro do seu texto?”.

■ O bilhete orientador da reescrita: um gênero catalisador a serviço da aprendizagem

A ideia de estimular e orientar os alunos a reescrever seu texto por meio de bilhetes está ligada à certeza de que a fase de aprimoramento em uma atividade escolar de escrita é crucial. Ao intervir de modo diferenciado, dispensando a cada estudante a atenção que ele demanda, o professor pode mediar, ou “catalisar”, a aprendizagem da escrita de um gênero discursivo. Mandar bilhetes é uma prática pedagógica dinamizadora, a ser incorporada de modo constante na aula de português, porque proporciona ao par aluno-professor um momento de diálogo mais individualizado, além de tornar a língua escrita uma forma de interação entre professor e aluno, o que é mais um ganho, considerando-se a função que a escola tem para o letramento de seus estudantes.

Dito isso, como se caracterizam esses bilhetes? O que é importante haver neles para que realizem o trabalho de orientar e dinamizar, proporcionando foco e eficácia à atividade do aluno de refletir sobre seu texto para aprimorá-lo?

■ Um leitor interessado

O primeiro passo é colocar-se diante do texto do aluno como um leitor interessado. Ao ler o texto, o que aprendo com ele? De que modo me toca e aguça meu desejo de saber mais e melhor? Temos uma forte tendência a olhar o texto com olhos de avaliador, sem permitir que antes de tudo ele nos intrigue. Isso torna difícil aos alunos irem reafirmando, ao escrever, a natureza de diálogo inerente a todo o uso da linguagem. Então, aproveite o bilhete para dialogar com o texto e com o aluno-autor. Isso pode ficar manifesto no bilhete por meio de características dele que estão mais ligadas ao sentido do que à forma. Algumas das principais são as seguintes:

- Elogiar ou destacar os pontos fortes do texto, pois são eles que nos tocam como leitores.
- Partir dos pontos fortes para pedir mais, fazendo perguntas que favoreçam o entendimento do ponto de vista do autor ou mesmo que solicitem o detalhamento do texto, quando este pode ser mais informativo ou eloquente.
- Mostrar que o texto do aluno nos lembra outros escritos e evoca uma tradição de boa escrita ligada ao gênero.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Veja exemplos disso em alguns bilhetes escritos por Bruna aos alunos dela quando estavam engajados em uma experiência de escrita de poemas para publicação em um **blog** da escola.

Júlia, teu poema está legal, mas podes falar mais sobre o tema da última estrofe. É fácil ser feliz? O que nos faz felizes? Dizer sim a quem? Aos amigos? À bondade? Dizer não à mentira? À falsidade? O que te faz feliz? Podes falar mais sobre isso ao final, ou descrever um pouco como é a sociedade, na primeira estrofe, as crianças, na segunda estrofe, e a natureza, na terceira. A sociedade vive em paz? Se ajuda? As crianças brincam, cantam, dão risada? E a natureza, é bela?

Alexander, teu poema está muito bonito. Mas, se quiseres, podes falar mais sobre o que mais há na natureza ou colocar adjetivos pra enriquecê-lo. Como são as flores? De que cores são? Têm perfumes agradáveis? E os pássaros, têm cantos que encantam? Estão alegres? O rio tem águas claras? Límpidas?

Sandro Miguel, o que queres dizer com “aprendi minha lição” no final do poema? Fala mais sobre isso que você aprendeu: que não pode ficar sem o Opala? Que ele é melhor que o Gol, ou que qualquer carro? O que você sente estando dentro do carro? Poderoso? Orgulhoso de ter um carro assim? Como ele é? Que cor tem? É lustroso? As pessoas notam quando você passa com ele na rua? Desenvolve mais essas ideias.

Maria Paula, o assunto que escolheste é bastante polêmico, mas muito importante para os jovens. Tu podes descrever o que sucede com quem entra nesse mundo, porque no poema tu citas o que acontece com quem não aceita a droga. A pessoa tem controle de si? Ela é feliz? Podes falar do sofrimento da família do viciado ou falar mais da alegria de quem vive sem drogas, no final do poema.

Valentina, muitos poetas escreveram sobre o ato de escrever poesia. Tu poderias contar como é difícil ter uma ideia e transformá-la em verso. Quem sabe poderias descrever sobre o que falam os poemas, seus diversos temas e formas. São grandes ou



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

pequenos? Os versos sempre rimam? Falam de sentimentos, emoções, tristeza ou alegria? O que você acha?

Enfim, como aqui estamos falando de sentidos, a multiplicidade é a regra. Mas fica um primeiro princípio – antes de tudo, escrevemos textos para que sejam lidos, e o bilhete orientador pode ser um poderoso instrumento pedagógico para mediar a construção desse conhecimento pelos estudantes. Se o professor se manifesta como um leitor, ao reescrever, o aluno se constituirá em autor. Assim, a reescrita dele vai começar respondendo às dúvidas do leitor e reagir aos destaques que esse leitor dá a aspectos do texto. Só na continuidade do projeto é que começa o trabalho sobre as escolhas linguísticas e a forma.

■ Um mediador mais experiente

Um bilhete orientador que apenas faça o trabalho de concretizar a presença do leitor e que privilegie a interlocução entre o professor, leitor interessado, e o aluno, autor atento, entretanto, não garante que o aluno construa a eficácia em sua escrita. Para isso, é preciso conhecer o gênero, ter um repertório discursivo sólido que guie o autor por escolhas linguísticas pertinentes. Aqui entra a função de professor: se os alunos ainda não têm esse repertório, é nosso papel auxiliá-los em sua aprendizagem. O bilhete pode ser um bom espaço de diálogo para que o professor ofereça a cada aluno a tarefa mais importante para que ele se lance na descoberta linguística que mais vai qualificar o texto naquele momento. Para conseguir cumprir essa função, é importante que o professor atue num espaço de planejamento que vai além do momento de escrever aquele bilhete. A eficácia do bilhete orientador depende muito de seu funcionamento como elo numa corrente de tarefas que unem os seguintes elementos: a escrita inicial, os critérios de avaliação ligados a ela, a avaliação de cada passo e a elaboração de uma nova tarefa. Em resumo, o bilhete deixa claro o trabalho de reescrita que pode aprimorar o texto. Para alcançar essa clareza, o professor precisa:

- Ter planejado bem o projeto de trabalho: qual o gênero – quem escreve para quem, com que propósito e em que situação de interlocução?
- Ter conseguido tornar esse projeto claro aos alunos: com que propósito escrevo e para quem? O que sei sobre o que escrevo e o que preciso aprender?
- Ter explicitado os critérios de avaliação dos textos a serem aprimorados: como se caracteriza um bom texto neste gênero?
- Ter realizado uma avaliação do texto que será motivo de intervenção por meio de bilhete: como está este texto em relação aos critérios de qualidade?



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

- Escrever o bilhete de modo a formular com clareza uma tarefa de reescrita que aproxime o texto dos critérios de qualidade estabelecidos anteriormente.

Nessa etapa do trabalho, os bilhetes passam a integrar questões de sentido à composição do texto e aos detalhes de uso da língua, sem deixar de preservar as marcas do autor. Nessa hora, o professor precisa novamente partir, e muitas vezes, dos pontos fortes do texto e pedir mais. A consideração dos pontos fortes tende a preservar a voz do aluno: aprimorar um texto não é perder a singularidade! Já as novas tarefas de reescrita, ou seja, as solicitações de reformulação, estão mais relacionadas ao repertório de usos ligados àquele gênero, que muitas vezes os alunos desconhecem ou, se conhecem, controlam de modo imperfeito. Novamente, vamos dar uma olhada em alguns exemplos entre os bilhetes da professora Bruna.

Luiz, tu tens duas estrofes sobre temas um pouco diferentes. Que tal juntá-los num todo coerente? Antes de ganhar o cinturão, o boxeador era infeliz? Ninguém reconhecia seus talentos? Nem a menina solteira? E depois de ganhar ele foi um vencedor só no espor te ou passou a vencer na vida, confiando mais em si? E a menina, se interessou por ele depois de ele se tornar vencedor?

Lucca, usaste muito bem as comparações e metáforas que discutimos em aula. Agora, que tal fazermos mais umas estrofes? Podes falar sobre as outras coisas que vês no céu, como pássaros, vento, trovões, ou sobre o próprio céu. Como ele é? De que cor ele é? Ao que isso se compara? Se qu iseres, também podes continuar falando das nuvens. Já falaste de como elas são brancas e fofinhas, mas elas também ficam bastante escuras...

Mário, teu poema está bom, mas pensa no sentido das rimas. O que o quero-quero tem a ver com querer a menina? Você se sente leve? Se sente voando longe, no céu? Tem vontade de cantar? Escreve isso pra deixar mais claro. E o que tu queres dizer com “a vida é um anexo”? Lembra que as rimas têm que ter sentido. Quem sabe outra palavra? Se isso não é importante para o poema, podes colocar outros versos. Se você quer a menina, como pode beijá-la pensando na Ane? Talvez essa parte não esteja de acordo com o resto do poema. Podes falar mais sobre o que você faria para conseguir ficar com ela, como no final do poema: dançaria tango no teto, tiraria água do deserto, e que mais?



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

■ Um parceiro conhecido e solidário

Por fim, é preciso lembrar sempre que esse texto escrito, pertencente à atividade pedagógica, é um bilhete orientador. O que faz dele um bilhete, afinal? É claro que não se confunde com os bilhetes que trocamos em casa, nem com o correio amoroso ou jocoso que circula entre os alunos... Mas não se pode perder de vista que há boas razões para se ter nomeado esse gênero de bilhete. Algumas pistas para isso estão nos interlocutores, no propósito, na composição e no estilo dos bilhetes, de modo geral. Bilhetes são textos curtos, que sinalizam de diversas maneiras que o locutor e o destinatário se conhecem e conhecem uma situação externa ao texto que lhes é comum; além disso, servem ao propósito de realizar ações conjuntas da vida cotidiana que são necessárias ou desejadas, mas que não podem ser comunicadas pela conversa oral, face a face, por alguma razão. Ou seja, mandamos bilhetes para lembrar, pedir, avisar, dar recados etc., para aqueles com quem convivemos muito, e até intimamente, quando fica difícil encontrar esse alguém. Não é mesmo perfeito para os nossos propósitos?

Tudo começa com o que chamamos de desafio ou quebra-cabeça: queremos estar com cada um de nossos alunos no empreendimento comum e (re)conhecido de escrever um texto, mas não temos condições de estar com cada um deles no período da aula. Note que nos bilhetes esse conhecimento mútuo sobre a situação e a construção da reescrita como meta comum aparece em vários índices. A professora fala do texto como um conhecimento compartilhado por ambos – menciona trechos ou ideias do texto que ela e seu aluno conhecem sem precisar mostrar ou copiar. Ela dá recados ou dicas, que são expressos como possibilidades – “podes” ou “que tal” – e ainda faz perguntas. Em seus bilhetes, ela chega até a expressar que a reescrita é algo que farão juntos: “Agora, que tal fazermos mais umas estrofes?”.

Além disso, os bilhetes são curtos e sempre têm uma ou outra pitada de informalidade: tratam o interlocutor de modo bem direto, como uso de “tu” alternado com “você”, bem ao gosto da fala; espalham um “pro” ou “pra” aqui e ali etc. Tudo isso vai autorizando o locutor a ser diretivo às vezes, como em “Deixa isso mais claro pro teu leitor”. O imperativo, contudo, não torna esse locutor um julgador que desqualifica o texto, como em muitas correções com que convivemos! O bilhete converte o professor no companheiro de um fazer cotidiano que faz parte da vida – escrever –, e isso lhe dá o direito de pedir certas coisas de modo bem direto.

Enfim, depois de ler a primeira e a segunda versão do poema escolar “Jogar bola” e o bilhete orientador que suscitou a primeira reescrita, experimente com seus alunos essa produtiva mistura de avaliação, ensino e companheirismo. É certo que você vai conseguir catalisar muita aprendizagem!



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Jogar bola

(versão 1)

Eu gosto de jogar bola
Mas não sou muito bom
Só jogo por diversão
Jogo no gol com muita garra no coração
Sempre tento fazer gol, sem desistir
Quando faço um gol nunca esqueço de sorrir
Jogar bola é legal
Ainda mais porque é uma maneira de se divertir

Alberto, jogar bola é legal, porque é uma maneira de se divertir. Mas o que mais pode significar jogar bola? Estar com os amigos? Fazer exercício? Que tal falar um pouco disso no poema? Se você quiser, também pode descrever o que acontece no jogo. Por que você não é muito bom? Quando você joga no gol, o que você tenta evitar? E quando você tenta fazer gol o que mais você sente? Coragem? Força de vontade? Sugestões de palavras e temas: persistência, superação do medo, euforia, espírito de grupo, time, comemorar, aplausos, torcida.

Jogar bola

(versão 2, primeira reescrita)

Eu gosto de jogar bola
Mas não sou muito bom
Não tenho muita coordenação
Mas só jogo por diversão
Jogo no gol com muita garra no coração.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

O chute é forte, mas eu tenho determinação.
Tenho que defender meu time em qualquer ocasião.
Para jogar futebol não pode ter medo.
Tem que ter espírito de grupo
Senão o time perde tudo
Sempre tento fazer gol, sem desistir.
Quando eu faço um gol, nunca me esqueço de sorrir.
Tem dias que não estou muito bom
Mas deixa, porque meus amigos fazem gol
Quando alguém faz um gol, é só alegria, todo time fica feliz
Jogar bola é legal
Ainda mais porque é uma maneira de se divertir
Vou continuar e treinar
Fazer muitos gols pra torcida delirar!

■ Para pensar mais...

Foi um grupo de pesquisadores da Unicamp quem chamou de catalisadores certos gêneros presentes no campo do ensino-aprendizagem da linguagem. Você pode ler sobre isso no livro *Gêneros catalisadores: letramento & formação do professor*, organizado por Inês Signorini e publicado pela Parábola Editorial.

Também está disponível na internet o texto “O bilhete orientador: um gênero discursivo em favor da avaliação de textos na aula de línguas”, na [revista Cadernos do IL, nº 42](#).

Sobre as autoras:

Luciene Juliano Simões, professora de estágio de docência em língua portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), membro da rede de ancoragem da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da UFRGS.



Como trabalhar a participação política por meio de artigos de opinião

Bruna Sommer Farias, professora de língua portuguesa e língua inglesa, mestranda na área no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Autora dos bilhetes orientadores que figuram neste artigo – os bilhetes foram escritos quando Bruna fez seu estágio curricular de português nos anos finais do Ensino Fundamental, sob a supervisão de Luciene Juliano Simões.

Fonte:

Artigo publicado originalmente na Revista Na Ponta do Lápis (ano IX – número 21, fevereiro de 2013) – Mosaico do Brasil: Mais uma vez, a Olimpíada retrata aqueles que ensinam e aprendem a nossa língua. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/revista-digital/edicao/14/mosaico-do-brasil>